

BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS: DE COMO CARREGAR ÁGUA NA PENEIRA

Maria Lilia Simões de Oliveira
PUC-Rio

Para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra.
BCQ

A Tradição - com o saber implícito e comum dos provérbios - reveste o discurso de Bartolomeu Campos Queirós de uma autoridade que emana do passado.

O uso de expressões cristalizadas é bastante apropriado no discurso literário de Bartolomeu, uma vez que esses textos participam do repertório do falante “nativo”, principalmente de uma camada da sociedade - a das pessoas mais velhas, por exemplo; os ditos populares são signos-índice de uma época anterior, gravada na memória. O saber popular, desde os tempos imemoriais, tem lançado mão das “formas simples”¹, através das quais transmitem valores, lições, exemplos...

O provérbio, “máxima ou sentença de caráter prático e popular, comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens.” (HOLANDA, p.1408), dá ao discurso de Bartolomeu credibilidade histórica. Uma comunidade - simples, supersticiosa, obediente a valores religiosos - recorre, freqüentemente, a esses adágios, por reconhecer a eficácia das imagens engendradas em tão poucas palavras. O ditado é “o selo visível que se apõe a uma idéia e que o caráter da experiência lhe impõe.” (JOLLES, p. 135).

As frases feitas, nas quais os provérbios estão incluídos, são expressões cristalizadas pelo uso. De origem diversa, essas lexias surgem nos Livros Sagrados, em textos literários ou mesmo na literatura oral.

Buscamos em *Frazes* (sic) *Feitas* e em *Tesouro da Fraseologia Brasileira* - de João Ribeiro e Antenor Nascentes, respectivamente -, algumas informações sobre o assunto. Nessas obras, percebemos uma preocupação maior em focar as expressões cristalizadas, deixando os provérbios - textos exemplares - para outra ocasião ou para outros estudiosos.

Com João Ribeiro, aprendemos que “o estudo das locuções traz sempre certa liberdade conjectural, pois sem alguma imaginação, que é causa às vezes de erros, pouco se ha de acertar ou abrir caminho aos que vierem depois...” (RIBEIRO, P.234)² (sic)

A variedade de exemplos aparece nos momentos da narrativa em que os avós do menino-narrador estão em situação de destaque, pois, como pudemos observar nas definições, os ditados populares e os provérbios estão intrinsecamente ligados à experiência de vida. Os mais idosos estariam, então, autorizados a dispor deste discurso, uma vez que já testemunharam situações semelhantes àquelas com que se deparam os mais jovens.

Por ser sintético e exemplar, o provérbio aparece em menor escala na obra estudada, pois seu uso exige situações específicas e similares à idéia original. Sua participação, todavia, dá vigor ao discurso, que acaba cumprindo, de certa forma, o papel de guardião da memória coletiva.

¹ JOLLES, André. *Formas simples*. Para André Jolles, formas simples são “gestos verbais onde certos fatos vividos se cristalizaram de certo modo, sob a ação de certa disposição mental.” Esses gestos “podem, a qualquer instante, ser orientado de maneira particular e ter importância atual”. (p.48) Algumas formas simples: mito, adivinha, caso, conto, ditado...

² A ortografia original foi mantida.

Quanto às frases feitas, lexias sem o caráter pedagógico dos textos proverbiais, notamos um emprego mais intensivo, posto que o ato de narrar - nascido na oralidade - permite a inserção de alguns coloquialismos. Muitos desses termos e expressões trazem embutida a visão de mundo de uma comunidade específica ou uma ideologia mais abrangente da humanidade, mais voltada para a essência de qualquer ser humano. Neste último caso poderíamos colocar os ditados populares que, circulando desde os tempos mais remotos, se perpetuaram, chegaram até os nossos dias e, provavelmente, seguirão os passos dos homens, eternamente.

Vejamos nos textos algumas dessas expressões:

Em *Por parte do pai*

(a)Contei para avô e ele me pediu segredo: **‘Quem fala muito dá bom-dia a cavalo’**, afirmou. Fiquei na maior vontade de encontrar um cavalo para cumprimentar. (PPP, p.32)

Na fala experiente do avô, percebemos a lição passada ao menino, quando este presencia o beijo do pai em Conceição, a futura madrasta. O conteúdo semântico do provérbio fica mantido pelo avô, que se utiliza desse expediente para pedir ao menino a manutenção do segredo. Por parte do narrador, porém, há um desejo explícito de romper com aquela fala exemplar e sair contando para todos sobre o namoro do pai. Houve, então, um duplo aproveitamento do provérbio: primeiramente, o uso tradicional, reiterando a imagem veiculada; em seguida, aparece a proposta de desconstrução dessa imagem, pois, ao dizer que gostaria de “encontrar um cavalo para cumprimentar”, o menino desloca um componente da imagem que só tem sustentação semântica, se se mantiver cristalizada. Ao desfazer a conotação, trabalhando somente com o valor denotativo das palavras, o narrador demonstra a complexidade do sistema lingüístico e reforça a idéia de grau na escala semântica. Ainda jovem e inexperiente, o menino acaba por se afastar do conhecimento instituído; de certa forma há, também, um questionamento e um “embate” entre ideologias de gerações distintas.

(b) Eu sempre ouvia dizer que a **Esperança é a última que morre**. No caso das moças, a Esperança partiu primeiro. (PPP, p.23)

Mais um jogo de palavras... mais um jogo semântico. Corroendo uma das máximas mais populares - **A esperança é a última que morre** - o narrador, no episódio das três irmãs: Maria da Fé, Maria da Esperança e Maria da Caridade, subverte a ordem e contraria o saber popular, “matando” primeiramente a Esperança. Implicitamente, estaria uma contestação a valores e verdades que se querem absolutos.

Ao final da narrativa, num trabalho artesanal, o narrador, sofrendo pela doença da avó e pela dor de Joaquim, recupera a imagem, dizendo que *“olhava as janelas trancadas e pensava na Fé e na Caridade chorando a falta da Esperança.”* (PPP, p.62). Na verdade, ele está passando por uma experiência que lhe comprova a dificuldade de se manter a fé e de se viver na caridade, se não houver esperança.

(c) Li uma frase, certo dia, escrita perto da estampa do Coração de Jesus: **‘Na terra de cego quem abre cinema é doido’**. (PPP, p.32)

Este exemplo traz um trabalho de corrosão em dois níveis. Em primeiro lugar, os provérbios e sua unidade semântica, como dissemos, estariam circunscritos ao universo vocabular dos mais idosos; neste caso, porém, somente parte desta verdade se sustenta, pois embora o texto pertença ao exótico avô, que escrevia pelas paredes da casa todos os

acontecimentos da cidade e da família, não mantém fidelidade à idéia original: “**Em terra de cego quem tem olho é rei**”.³ O resultado da neologia semântica “Em terra de cego quem abre cinema é doido” é excelente, pois a desconstrução do provérbio colabora para a construção do personagem Joaquim - o avô brincalhão, que rabiscava a vida pelas paredes-, contrariando as regras pré-estabelecidas.

O cinema marcou época, revolucionou costumes, exigiu da comunidade outros olhares. Para reiterar essas mudanças de comportamento, Bartolomeu inova, parodiando o dito popular; não seria possível manter a integridade semântica do provérbio, fundado em conceitos antigos, uma vez que a realidade extralingüística sofria transformações. Nada mais “doido”, para o avô, do que a projeção de imagens e de palavras, que desfilavam rapidamente diante de olhos desacostumados a ler de “carreirinha”. O adjetivo “cego” apresenta, pois, um valor metafórico e a cegueira significa ignorância em relação ao novo código de leitura que se apresentava: a linguagem filmica.

(d) Li certa vez, no caderno do meu avô, a seguinte frase: **‘Para quem sabe ler, um pingo nunca foi letra.’** (PPP, p.45)

O provérbio original **Para quem sabe ler um pingo é letra** aparece com sentido completamente invertido, demonstrando mais uma vez o caráter “revolucionário” da figura do avô, que apresenta a sua “filosofia” da leitura. Ou seja, ler não é somente observar os aspectos gráficos, juntar letras; é muito mais, é ir além do visível, é olhar com olhos de ver.

Em **Por parte de pai** encontramos maior incidência desses ditados populares, porque a narrativa põe em destaque a figura do avô e suas vivências. Rastreando os provérbios nas outras narrativas, não encontramos em **Ciganos** o uso dessa forma simples, porquanto neste livro a ênfase é dada a um menino; os muito jovens não podem, ainda, lançar mão desses textos, pois lhes faltaria a experiência do vivido. Já em **Indez** e em **Ler, escrever e fazer conta de cabeça**, o discurso de Bartolomeu apresenta algumas dessas expressões coloquiais, uma vez que as duas narrativas estão circunscritas no universo do adulto desejoso por estabelecer regras de conduta para os mais jovens.

Em **Indez**:

(a) E, como **não há nada melhor do que um dia depois do outro**, Antônio ia ficando cada dia mais apumado. (Indez, p.12)

(b) Não é somente **o dia que anda atrás do outro**. Também os irmãos. (Indez, p.36)

No primeiro momento, as idéias do provérbio interagem com a intenção do narrador: mostrar a passagem implacável do tempo. Apesar de todos os contratempos, Antônio cresce, assim como a vida flui, incessantemente.

Mais adiante, a idéia de fluxo reaparece e, agora, não se restringe unicamente a horas, dias... que se seguem; sofre uma amplificação de sentido, faz referência também a irmãos - nascidos como os dias - um após o outro, alternando suas posições na roda temporal.

(c)...o pai, escutando o tempo, fazia leituras do silêncio e **soltando a língua** traduzia seus ruídos em palavras que traziam de volta a infância antiga ou decifravam o **futuro escrito por Deus em linhas tortas**. (Indez, p..85)

³ Segundo os estudos de João Ribeiro, houve uma correção desastrada que apagou o equívoco do provérbio original: *Em terra de cego o torto é rei*; torto não era só o que tinha um olho... a injustiça deveria reinar onde as pessoas não podiam enxergar os acontecimentos.

Mesmo com a sintaxe invertida, o provérbio **Deus escreve certo por linhas tortas** é imediatamente reconhecido pelo leitor que atribui ao Criador os destinos dos homens. Podemos fazer emergir deste trecho um outro adágio: **O futuro a Deus pertence**. Só Ele pode orquestrar nossas vidas.

Em “**soltando a língua**”, temos uma expressão cristalizada revelando raro momento de eloquência do pai de Antônio. Não constitui um provérbio, pois não carrega consigo o valor exemplar, quase mesmo moralizante - característica principal desses textos.

Em ***Ler, escrever e fazer conta de cabeça***:

(a) Como aprendi que **para bom entendedor meia palavra basta**, eu retirava o fim das palavras e criava adivinhações. (LEFC, p.47)

Não bastava. O menino tentava brincar com o pai, falando nessa nova língua, mas era impossível; o pai, que fazia o inexplicável (carregar água em peneira), era incapaz de decifrar este código, não era “entendedor”. O exemplo nos revela a (im)possibilidade de interlocução entre falantes da mesma língua.

(b) **Para morrer basta estar vivo**, me consolava minha madrinha. Mas o irmão nascido morto era mais difícil de entender do que a Santíssima Trindade - três pessoas em uma só. (LEFC, p.29)

Pensamentos complexos, dúvidas permanentes... O narrador é socorrido por vozes alheias sempre que surgem dificuldades em relação ao registro lingüístico de um fato novo. Dessa vez é a madrinha que procura dar uma lição ao afilhado, mas o provérbio só aumentou a perplexidade do menino: Como é que alguém pode nascer morto, se “para morrer é preciso estar vivo”?

Com este expediente, o escritor aponta para uma das principais dificuldades no relacionamento adulto/jovem: operar com signos. É preciso estar atento ao que Vygotsky nos ensina, quando afirma que:

A potencialidade para as operações complexas com signos já existe nos estágios mais precoces do desenvolvimento individual. Entretanto, as observações mostram que entre o nível inicial (comportamento elementar) e os níveis superiores-res (formas mediadas de comportamento) existem muitos sistemas psicológicos de transição. (VYGOTSKY, p.61)

Nos dois exemplos destacados, encontramos um eixo de convergência: a visível diferença entre o ponto de vista do adulto e da criança ao se relacionarem com a semântica dos signos lingüísticos.

Fraseologia da língua & discurso de Bartolomeu

Minha alegria era quando Maria dizia estar eu grudado no Joaquim, como unha e carne. (PPP, p.33)

1. Em ***Ler, escrever e fazer conta de cabeça***

(a) Ser obediente demandava muito sacrifício [...] não perguntava como **carregar água na peneira, não jogava conversa fora**. (LEFC, p.11)

Consultando o livro do professor Antenor Nascentes, encontramos expressão “**buscar água no cesto**” (ANTUNES, p. 12), que seria uma outra forma de expressão do conteúdo “trabalhar em vão”.

Para reforçar as dificuldades do pai, cujo trabalho árduo não lhe permitia oferecer aos familiares uma vida mais tranqüila, o narrador recorre a essa expressão em vários momentos:

* Dr. Jair [...] contava com o trabalho de meu pai, seu melhor empregado, **capaz de carregar água na peneira**. (LEFC, p.12)

* A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai. Trabalhava dia e noite, estrada afora, vencendo lama e poeira, regressando cansado, lastimoso, e ainda **carregando água na peneira** escondido de todos. (LEFC, p.13)

* Eu sentia ser de gente grande esse negócio de **carregar água na peneira**. (LEFC, p. 21)

A repetição revela a dúvida do menino para entender um conceito tão complexo, pois a imagem do pai carregando água numa peneira era, para uma criança, de difícil apreensão, pois ainda não estava apto a interpretar o uso conotativo de certas expressões. Observando as expressões idiomáticas, nos damos conta da complexidade de sentido que elas muitas vezes apresentam, não só para os adultos estrangeiros, mas também para alguns ‘nativos’ mais jovens, pois esses aprendizes do idioma lidam com ele, primeiramente, no plano da denotação

(b) Se o filho chorava, minha mãe servia aquilo que estava nas mãos ou em cima do fogão, como se só comida estancasse o choro: açúcar, caldo de feijão[...] **biscoito duro de roer**, lasca de rapadura... (LEFC, p.20)

A expressão primitiva “**Ser um osso duro de roer**”, cujo significado é “coisa difícil de suportar, de vencer”, aparece atualizada no texto; a substituição da palavra “osso” pela palavra “biscoito” desmonta o clichê e aproxima os discursos do adulto/ do jovem. Uma criança, que trabalha basicamente com a denotação, decodifica perfeitamente a palavra biscoito e até se aproxima do sentido da expressão original, visto que um biscoito duro oferece grandes dificuldades para ser mastigado, é um obstáculo a ser vencido; além do aspecto lúdico, a troca dos substantivos facilita a compreensão para aqueles que, observando literalmente a expressão, teriam dificuldades de imaginar um ser humano roendo um osso.

Como pudemos observar nesse rápido estudo, as narrativas de Bartolomeu (re)apresentam os ditos populares através de uma perspectiva semântica bastante inusitada: ora corroendo as lexias já cristalizadas pelo uso e presentes na memória do povo, ora redimensionando a denotação dos signos lingüísticos, os textos poéticos do mineiríssimo autor descortinam um saber contido numa comunidade simples – pano de fundo da obra.

Referências bibliográficas

- NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*.
RIBEIRO, João. *Frases (sic) feitas*.
VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*.